

**Conhecer para cuidar**

**Por um Projeto Político de Saúde Antirracista**

Saúdo nossa ancestralidade, história de amor, dor, e resistência.

Saúdo aquelas, aqueles, que apesar da dor, oferecem amor para nos debruçarmos sobre a dor e gestar um novo dia,... quem sabe faz a hora. Saúdo aquelas e aqueles, filhas, filhos, esposas, esposos, amigas, amigos, que se foram, suas dores não serão inúteis, estreitam, laços, compromissos, aqui estamos, fazendo o presente, honrando a história de amor e dor. Saúdo afilhado querido, com doença falciforme, que aos 28 anos se suicidou, em 30-12-22. Nossos mortos não morreram. Nos guiam nos caminhos de consolidação do direito pleno à saúde, nos caminhos da complexidade do sistema, sistemas complexos requerem pensamentos complexos; sua morte aponta para questões afeitas à saúde mental; e por não dizer ao processo de Formação, à LDB.

Saúdo àquelas, aqueles que se dedicaram em todos os níveis para que nos debrucemos sobre o conhecer, cuidar, ter consciência sobre a doença falciforme, que sabe faz a hora.

Saúdo àquelas, aqueles, invisibilizadas (os), (es), são as, os, es, que limpam, preparam alimentos, recepcionam, cuidam do som, enfim possibilitam que aqui estejamos.

Saúdo àquelas e aqueles, usurpadas (os), (es) sem condições acessarem espaços de reflexão e quiçá deliberações acerca de direitos, ainda que garantidos constitucionalmente, conforme assevera o artigo 196. Avançamos e ainda há muito por avançar, pois quando escalamos uma montanha, descobrimos muitas outras por escalar, conforme nos ensina Nelson Mandela, em seus sábios ensinamentos, que nos coloca diante da materialidade política, econômica, cultural, do direito à saúde. Muitos são os desafios, mas podemos mudar o rumo da história.

Somo negras (os), indígenas, ciganas (os), brancas (os), LGBTQIAPN+, Pessoas com Deficiência, somos tantas, tantos, tantes, somos diversas (os), (es) e não aceitamos sermos desiguais em direitos.

O propósito de conhecer para cuidar; bem como a instituição do dia de conscientização sobre a doença falciforme, estimula reflexões sobre o porquê do desconhecimento, descuidados, não conscientização, apesar da relevância epidemiológica em acordo com justificativas apresentadas no processo de apresentação-aprovação da resolução de **Reconhecimento da Anemia Falciforme como Problema de Saúde Pública**, pelo representante do Congo, Mr. Balé:

“É verdade que a doença genética do sangue conhecida como anemia falciforme, embora esteja presente em todos os continentes, de um modo geral não causa muito reação; daí o desinteresse que suscita. A menos que alguém seja afetado ou se um ente querido for afetado, ou a menos que alguém esteja trabalhando no campo de medicina, esta doença hereditária é pouco conhecida público em geral. No entanto, segundo estimativas de Organização Mundial da Saúde (OMS), afeta quase 100 milhões de pessoas em todo o mundo, incluindo todos formas da doença”. Retomo os preâmbulos da resolução por me permitir inserir o tema no contexto geopolítico mundial, e análises que contemplam o racismo campo de determinantes sociais em saúde. Trata-se de uma doença associada ao corpo negro.

Para abordar o tema necessário se faz inserí-lo no contexto histórico de sociedade estruturadas no patriarcado, racismo, classe, heteronormatividade, bem como na conjuntura em que vivemos, de negação da vida, banalização, necropolítica. Avanço de políticas neoliberais nas políticas de saúde, de escopos que abrangem postulações contrárias ao acesso universal à saúde.

* A principal fonte de toda desigualdade é a apropriação do poder: a apropriação privada da riqueza que deu origem às classes sociais, a apropriação patriarcal do poder e a apropriação por grupos étnicos situados com vantagem estratégica. Essa é a tríplice desigualdade que produz nossas desigualdades sociais em saúde. As desigualdades na saúde na sociedade atual são o produto dessa tríplice desigualdade que as gera e que inevitavelmente acompanha uma sociedade como o capitalista, governada pelo acúmulo de riqueza em um único pólo e pela exploração, desapropriação e exclusão no outro polo da sociedade. (Workshop Latino-Americano sobre Determinantes Sociais da Saúde).

Camara Phyllis Jones\*, em texto sobre os 3 níveis de racismo, institucional, de relações interpessoais, e internalizado, propõe entender o racismo institucional, como normativo, muitas vezes legalizado, e frequentemente manifesto como desvantagens naturais. É estrutural vem sendo codificado nas normas, costumes, leis, sem a necessidade de perpretador identificável. Se evidencia na ausência de ação diante das necessidades, e se manifesta tanto nas condições materiais, como no acesso ao poder.

\* Camara Phyllis Jones; Levels of racism: A theoretic framework and a gardener's tale; American Journal of Public Health; Aug 2000; 90, 8; ABI/INFORM Global).

Contexto histórico: Provérbio de Origem Africana “Quer entender o final, presta atenção no começo” – SANKOFA 

Tapper (1999, p.163) no seu livro In The Blood: Sickle Cell Anemia and the Politics of Race, afirma que “apesar de graves em indivíduos de uma variedade de origens, a doença falciforme tem sido sempre conhecida como a „doença‟ de preto na América”. Neste livro, o autor argumentou dentre outras análises, que desde a descoberta, em 1910, a doença falciforme tem sido manipulada para servir a fins sociais, como uma ferramenta para garantir a identidade branca e sua posição hierárquica privilegiada. Tapper (1999) buscou demonstrar como a doença falciforme foi utilizada para promover a idéia da superioridade da pureza racial e como o corpo negro foi caracterizado como contaminado. Citado por ALTAIR DOS SANTOS LIRA; Análise da Assistência ofertada às gestantes com Doença Falciforme, em Salvador/BA, 2015.

Pensar sobre o conhecer para cuidar e conscientização sobre a doença falciforme requer ainda ponderações sobre a ideologia da supremacia racial branca, para avançarmos na radicalidade da compreensão do não conhecimento.

“ O legado da escravidão para o branco é um assunto que o país não quer discutir, pois os brancos saíram da escravidão com uma herança simbólica e concreta extremamente positiva, fruto da apropriação do trabalho de quatro séculos de outro grupo. Há benefícios concretos e simbólicos em se evitar caracterizar o lugar ocupado pelo branco na história do Brasil. Este silêncio e cegueira permitem não prestar contas, não compensar, não indenizar os negros: no final das contas, são interesses econômicos em jogo”. (Bento, p. 3; Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002).

Há cerca de 20 anos, entidades de pessoas com DF davam os primeiros passos para conquistas de direitos, estando hoje organizados em todo o país através da Federação Nacional de Pessoas com Doença Falciforme (FENAFAL). Esta ação veio a somar com as mobilizações lançadas pelo Movimento Negro Brasileiro desde a Marcha Zumbi em 1995, que reivindicava concretamente por ações de cuidado e atenção à saúde da população negra, bem como de gestão participativa, controle social, produção de conhecimento, formação e educação permanente de trabalhadores de saúde, visando à promoção da equidade (OLIVEIRA, 2001).

Os desafios para inserção da pessoa com DF se agravou na medida em que o modelo de atenção se caracterizou pela fragmentação e desarticulação. A invisibilidade da doença, fruto do racismo institucional, acarretou ainda o desconhecimento da doença tanto pelo profissional, quanto pela população, e serviu como justificativa para os anos de omissão do Estado brasileiro a essa questão (CORTEZ, 2007). Modificar a lógica da assistência à saúde dessas pessoas, incluindo e fortalecendo o papel da Atenção Básica (AB) como organizadora da assistência tendo fundamental ação neste processo, ordenadora da atenção, possibilitando o estabelecimento de fluxos de atenção entre Baixa, Média e Alta Complexidade, apresenta-se como uma tarefa interinstitucional.

NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE

…Somos senhoras e senhores dos nossos destinos… a maioria que vota do centro-esquerda, lembremos a votação expressiva e determinante na eleição do presidente Lula, hemos de ser força política que romperá com o processo excludente da sociedade capitalista. Quem sabe faz a hora.

* Lembrar Durban (A Agenda Relegada)

ORIGENS, CAUSAS, FORMAS E MANIFESTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DE RACISMO, DISCRIMINAÇÃO RACIAL, XENOFOBIA E INTOLERÂNCIA CORRELATA 13. Reconhecemos que a escravidão e o tráfico escravo, incluindo o tráfico de escravos transatlântico, foram tragédias terríveis na história da humanidade, não apenas por sua barbárie abominável, mas também em termos de sua magnitude, natureza de organização e, especialmente, pela negação da essência das vítimas; ainda reconhecemos que a escravidão e o tráfico escravo são crimes contra a humanidade e assim devem sempre ser considerados, especialmente o tráfico de escravos transatlântico, estando entre as maiores manifestações e fontes de racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata; e que os Africanos e afrodescendentes, Asiáticos e povos de origem asiática, bem como os povos indígenas foram e continuam a ser vítimas destes atos e de suas conseqüências. DECLARAÇÃO DE DURBAN.

**Ainda assim eu me levanto**

Maya Angelou

Você pode me riscar da História

Com mentiras lançadas ao ar.

Pode me jogar contra o chão de terra,

Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.

Minha presença o incomoda?

Por que meu brilho o intimida?

Porque eu caminho como quem possui

Riquezas dignas do grego Midas.

Como a lua e como o sol no céu,

Com a certeza da onda no mar,

Como a esperança emergindo na desgraça,

Assim eu vou me levantar.

Você não queria me ver quebrada?

Cabeça curvada e olhos para o chão?

Ombros caídos como as lágrimas,

Minh’ alma enfraquecida pela solidão?

Meu orgulho o ofende?

Tenho certeza que sim

Porque eu rio como quem possui

Ouros escondidos em mim.

Pode me atirar palavras afiadas,

Dilacerar-me com seu olhar,

Você pode me matar em nome do ódio,

Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.

Minha sensualidade incomoda?

Será que você se pergunta

Por que eu danço como se tivesse

Um diamante onde as coxas se juntam?

Da favela, da humilhação imposta pela cor

Eu me levanto

De um passado enraizado na dor

Eu me levanto

Sou um oceano negro, profundo na fé,

Crescendo e expandindo-se como a maré.

Deixando para trás noites de terror e atrocidade

Eu me levanto

Em direção a um novo dia de intensa claridade

Eu me levanto

Trazendo comigo o dom de meus antepassados,

Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.

E assim, eu me levanto

Eu me levanto

Eu me levanto.